

Comunicado de imprensa da FRA/EIGE
Viena/Vilnius, 3 de março de 2026

EMBARGO: 3 de março de 2026, 12h00 (hora da Europa Central)

Inquérito à escala da UE revela a dimensão da violência psicológica, económica e cibernética contra as mulheres

As novas conclusões do inquérito da UE sobre violência de género revelam uma realidade alarmante: a violência contra as mulheres é generalizada, cada vez mais digital e ignorada pelas instituições que a deveriam combater e prevenir. A violência nas relações íntimas, o abuso psicológico, a violência económica e a ciberviolência estão entre as formas mais comuns, mas são frequentemente as menos reconhecidas. A Agência dos Direitos Fundamentais da UE (FRA) e o Instituto Europeu para a Igualdade de Género (EIGE) instam a União Europeia a alinhar a legislação, as políticas e as práticas com as experiências reais das mulheres. A dimensão da violência não denunciada evidencia falhas nos sistemas.

Uma década após a FRA ter publicado o [primeiro estudo da UE sobre a violência contra as mulheres](#), e apesar dos avanços significativos na legislação e nas políticas, a violência contra as mulheres na UE continua a ser generalizada., e apesar dos avanços significativos na legislação e nas políticas, a violência contra as mulheres na UE continua a ser generalizada.

O novo relatório, [Inquérito sobre a violência de género na UE: evidência para políticas e práticas](#), apresenta uma análise mais aprofundada dos resultados do segundo inquérito realizado à escala da UE. Uma em cada três mulheres na UE é vítima de violência física e/ou sexual. A violência nas relações íntimas, o abuso psicológico, a violência económica e a ciberviolência são demasiado comuns — mas, muitas vezes, são as formas de abuso menos reconhecidas. são demasiado comuns — mas, muitas vezes, são as formas de abuso menos reconhecidas. são demasiado comuns — mas, muitas vezes, são as formas de abuso menos reconhecidas.

«A violência contra as mulheres é uma violação dos direitos fundamentais», afirma a diretora da FRA, [Sirpa Rautio](#). «Em toda a UE, os direitos das mulheres à dignidade, segurança e igualdade continuam a ser violados em larga escala. Quando os maus-tratos são normalizados, ocultados ou ignorados, isso revela falhas sistémicas na proteção dos direitos. Os Estados Membros têm obrigações claras na prevenção da violência, proteção das vítimas e no garante de acesso à justiça — e estas conclusões revelam que ainda há trabalho urgente a fazer.»

A maioria da violência não é denunciada. Apenas 6,1 % das mulheres denunciaram à polícia abusos físicos ou sexuais por parte dos seus parceiros, e apenas 11,3 % quando os autores eram pessoas que não os seus parceiros. A vergonha, a culpa, o medo e a falta de confiança na polícia são as razões mais frequentemente apontadas para não denunciar. A ausência de sensibilização ou de acesso a redes de apoio contribui também para esta situação.

«Se as mulheres não conseguem confiar nas instituições para as proteger, devemos questionar o que precisa de mudar em vez de questionar o que cabe às mulheres fazer mais fazer mais», afirma [Carlien Scheele](#), diretora do EIGE. «Estas conclusões constituem um roteiro para os governos: a prevenção, a intervenção precoce e os serviços especializados, sensíveis às questões de género e centrados na vítima, têm de passar a ser a norma e deixar de ser facultativos.»

Seguem-se algumas das principais conclusões do relatório:

- **Violência sexual e consentimento:** a violência sexual é mais frequentemente caracterizada pela ausência de consentimento livre do que pela aplicação de força física. As mulheres são aproximadamente duas vezes mais propensas a serem violadas através da coerção ou da incapacidade de recusar do que pela força física manifesta.
- **A violência económica e psicológica nas relações íntimas é comum, mas menos visível:** 29,9 % das mulheres foram vítimas de violência psicológica por parte do parceiro, incluindo humilhação, ciúme, intimidação ou comportamentos controladores. Para 12,7 %, este tipo de violência ocorre com frequência. Quando foram feitas perguntas adicionais, 20,3 % das mulheres afirmaram ter sofrido violência económica por parte do parceiro, como não ter permissão para trabalhar ou falta de controlo sobre as finanças familiares.
- **A violência por parceiros íntimos tem um forte impacto na vida das mulheres:** 9,8 % sofreram agressões físicas e 9,6 % agressões psicológicas por parte do parceiro. Como resultado, 17,6 % das mulheres precisaram de licença do trabalho e 30,8 % ficaram impossibilitadas de realizar tarefas domésticas devido à violência sofrida. As mulheres recorrem frequentemente a medicamentos (25,8 %) e a álcool ou drogas (17,1 %) para lidar com os efeitos da violência.
- **A violência na infância e as suas consequências duradouras:** 32,9 % das raparigas sofreram violência física ou emocional por parte dos pais. Esta situação pode criar um ciclo de violência, já que as mulheres vítimas de abuso sexual infantil têm três a quatro vezes mais probabilidades de ser vítimas de violência sexual na idade adulta.
- **A digitalização está a intensificar os abusos:** 8,5 % das mulheres foram vítimas de ciberassédio e 7 % das mulheres trabalhadoras foram vítimas de assédio sexual na Internet. 10,2 % tiveram a sua localização monitorizada ou rastreada pelo parceiro íntimo.

Para passar da legislação à ação, a UE reforçou o seu quadro jurídico, incluindo a Diretiva Combate à Violência contra as Mulheres e à Violência Doméstica e a ratificação da Convenção de Istambul a nível da UE. No entanto, a legislação não é suficiente.

O inquérito aponta para prioridades claras: melhorar os sistemas de denúncia sensíveis às vítimas e às questões de género; assegurar acesso a apoio holístico, incluindo cuidados de saúde e serviços especializados; criminalizar a violência sexual com base na falta de consentimento; estender a proteção judicial à violência económica e psicológica;

reforçar as respostas aos abusos facilitados pela tecnologia e investir na prevenção precoce, na proteção das crianças e em sistemas sensíveis ao trauma.

O relatório apresenta conclusões detalhadas do inquérito da UE sobre violência de género, complementando o [relatório de 2024](#), que abordava a prevalência global, a violência entre parceiros e não parceiros e o assédio no local de trabalho.

O inquérito foi realizado conjuntamente pelo Eurostat, pela FRA e pelo EIGE, com base em mais de 114 000 entrevistas realizadas entre setembro de 2020 e março de 2024.

Para mais informações, contactar:

- FRA: media@fra.europa.eu / Tel. +43 1 580 30 642
- EIGE: georgie.bradley@eige.europa.eu / Tel. +370 6982 78 26